

Buenos Aires Diciembre 26 de 1920

Señor Antonio Salles  
Alagadico-Fortaleza-  
Ceará  
Brasil

Distinguido colega:

Monteiro Lobato, en efecto, fué quien me envió su libro. Lo leí y le comuniqué mi opinión.

Creo que se trata de una excelente novela: humana, viviente, bien compuesta. Hace un año que la leí, de modo que ahora me es difícil dar una opinión detallada. Pero sí recuerdo que me gustó verdaderamente, y que me sorprendió, pues <sup>el</sup> nombre <sup>del autor</sup> me era desconocido.

Recuerdo también que encontré muchos puntos de contacto entre su libro y mi novela "La maestra normal". Es curioso, ¿verdad? Con pequeñas modificaciones, la acción de su novela podría perfectamente ocurrir en una provincia argentina.

¿Tiene usted otras novelas? Por este correo le mando "Nacha Regules", libro que ha tenido aquí el más extraordinario de los éxitos.

En Rio acaba de aparecer, bien traducido, "O mal metafísico". Me gustaría que lo leyese. No le mando un ejemplar porque no tengo.

Un saludo cordial de su colega y admi-

rador

Manuel Galvezlijo

Rampa 2502



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras  
CAIXA POSTAL, 105-B  
São Paulo

São Paulo, 18 Março 1948,  
Exmo. Sr. Celso  
Professor de Língua Portuguesa,  
R. S. Januário, d. F.

Querido Amigo: Agradeço a você  
a edição dos meus Diários, Fragmentos, e o  
conjunto de galões, aperturas, e  
um tratado pelo começo, como para  
evocar as duras experiências, e ali se  
colocou em escudo e metros. Muito  
obrigado. Achei ali poemas inéditos ou  
ainda não recopilados, e li com grande  
entusiasmo por me oferecerem  
a imagem mais actual de poeta; e  
entre elles a ballada do Rosário e o  
Monte, e me reavivou a luz branca do  
meu livrinho, tão retardado pelas in-  
gratidões de uma vida. Le a redução de  
não ter a diante de uma, e uma mate-  
rial ou a arredondal de aqueles,  
tem aqueles do raiz... Uma cate-  
ra, Um clara - e uma collecção  
de aqueles...

Abraços calorosos pela primeira

III - 122

tas de sua biographia poetica. Com 7. de  
vaucciamento 'entregou-se' a quelle roscas  
de sonhos, intuições, meditações e sonhos! Vêly  
homem q. sabe dizer quanto quer expressar!  
Lembra-se de 7. cu puer. 7/10. poet. 10. e musi-  
co, 10. e m. th. musico podem ambicionar  
expressar quanto tem em dentro do si. 7. mas  
finc o drama <sup>de quem</sup> tem est. para dizer e não  
s'nenhum da. ter coiza...

grande - fr. sexual a braga  
de est. fr. a acc. e tirada  
a deusador:

Fidelino de Jesus



Fundação Calouste Gulbenkian  
Lisboa

Lisboa, 6 de Agosto de 1964

FM/WSM

Ref.<sup>a</sup>. Nº. 2671/BA/64

Exmo. Senhor,

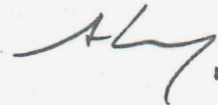
Neste ano em que por todo o Mundo culto se está comemorando o IV Centenário do nascimento de William Shakespeare, entendeu a Fundação Calouste Gulbenkian dever promover uma série de manifestações culturais de amplo significado ligadas à figura e sobretudo à obra do grande dramaturgo inglês. Entre essas manifestações culturais contam-se representações de peças de Shakespeare, umas no original, outras em língua portuguesa, tendo sido escolhida para representação, com texto em português, a tragédia "MACBETH".

Uma vez escolhida esta peça, foi sugerida como texto português a adoptar para esta encenação o da tradução poética de V.Exa.. Nesta conformidade, muito gratos ficaríamos a V.Exa. nos informasse, com a possível urgência, quais as condições em que poderíamos utilizar o texto.

Como é óbvio, haverá que proceder-se a uma pequena revisão com vista a eliminar ligeiros pormenores de acentuada diferença no uso idiomático, e ainda o texto será ligeiramente encurtado, segundo o critério do encenador inglês que dirigirá os trabalhos, de harmonia com os cortes habitualmente feitos na própria Inglaterra. Estas modificações ficam, naturalmente, condicionadas ao seu prévio acordo.

Agradecendo antecipadamente a boa atenção e próxima resposta de V.Exa., subscrevemo-nos, com a maior consideração.

SERVIÇO DE BELAS-ARTES  
O Director



(ARTUR NOBRE DE GUSMÃO)

Exmo. Senhor  
Manuel Bandeira  
Academia Brasileira de Letras  
Av. Presidente Wilson, 203  
RIO DE JANEIRO - GUANABARA  
B R A S I L





EDITORIAL PRESENÇA, LDA.

Av. João XXI, 47, r/c. Esq.

Telef. 76 69 12

LISBOA-5

1964

MB 42  
C

Exmo. Sr MANUEL BANDEIRA  
Av. Beira-Mar, 406  
Apartamento 806  
Rio de Janeiro  
B R A S I L

Lisboa, 22 de Setembro de 1964

Exmo. Senhor,

Em tempos solicitámos ao n/ prezado amigo e ilustre escritor Dr. Ruben Leitão, Ruben A., que entrasse em contacto com V. Exa., abordando-o sobre a eventual possibilidade de nos serem cedidos os direitos da sua primorosa tradução de MACBETH, de Shakespeare, para uma edição em Portugal.

Essa edição seria incluída na n/ colecção de Clássicos que já compreende obras de Stendhal, Suetónio, Gogol, Turgueniev, Shakespeare ("Hamlet"), Swift, Defoe.

Entretanto, o Dr. Ruben Leitão acaba de nos apresentar uma carta referindo as condições de V. Exa., que seriam de 10% sobre o preço de capa de cada exemplar da edição portuguesa. Essas condições interessam-nos, nas seguintes bases: uma tiragem inicial de 1.500 exemplares, ao preço de capa de 25\$00 por livro, o que perfaria um total de direitos de Esc. 3.750\$00 a receber por V. Exa. Ser-lhe-iam também remetidos 25 exemplares da edição normal e 5 exemplares, em papel especial e encadernados, de uma tiragem reduzida de 150 exemplares, que fazemos sempre destas n/ edições de Clássicos.

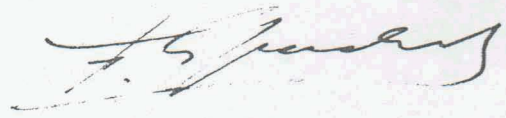
Esta edição seria precedida de uma nota de apresentação da autoria do n/ estimado amigo Dr. Ruben Leitão.

No que concerne a alterações do V. texto, apenas se registarão, única e exclusivamente, na ortografia. Tudo o resto será mantido em estrita fidelidade ao original.

Como é do n/ interesse dar o mais rápido andamento possível à publicação desta obra, com vista a apanhar ainda o ano comemorativo de 1964, muito agradecemos que nos comunicasse com a maior urgência a V. decisão, se possível telegraficamente, em caso de acordo.

Aguardando as V. prezadas notícias, subscrevemo-nos com a maior admiração e apreço,

De V. Exa.  
Atentamente,  
p/EDITORIAL PRESENÇA



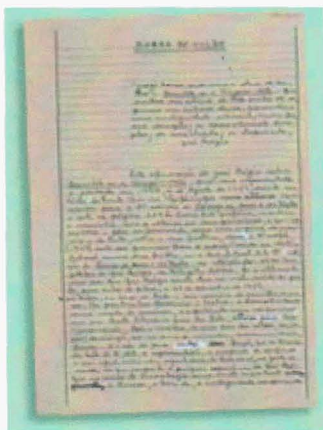
FE/OP

180

# Colecções

GALHOZ, Maria Aliete, 1929-

BN Esp. N62



*Sobre Benilde,*  
Aliete Galhoz, [19--]  
BN Esp. N62/cx. 12

**Maria** Aliete das Dores Galhoz é licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Professora do ensino secundário, durante perto de vinte anos, desde estudante que se dedica à pesquisa literária, tendo colaborado com Lindley Cintra no Centro de Estudos Filológicos, e com Viegas Guerreiro no Centro de Estudos Geográficos. Ensaísta e incansável investigadora, é autora de numerosos estudos sobre poesia e poetas portugueses, com destaque para Fernando Pessoa. Do seu currículo faz também parte a pesquisa sobre literatura popular portuguesa, estando ligada ao Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade de Lisboa.

A colecção (2 cx.) inclui alguns dos seus trabalhos sobre Fernando Pessoa (apontamentos e notas relativas à 1ª ed. do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, o volume da 1ª ed. da Editora Aguilar da *Obra Poética* de Fernando Pessoa com emendas e acrescentos) e José Régio, cartas recebidas de Adolfo Casais Monteiro e Robert Bréchon, bem como alguns manuscritos A. Casais Monteiro, José Régio e Vergílio Ferreira.

Doação da autora em Outubro e Dezembro de 1997. Com **reserva de consulta**.

**Instrumento(s) de Pesquisa:**  
Guia preliminar

- [Página inicial](#)
- [Sobre o Arquivo](#)
- [Advertência](#)
- [Acesso aos fundos](#)
- [Perguntas frequentes](#)
- [Lista alfabética geral](#)
- [Lista topográfica geral](#)
- [Espólios](#)
  - [Lista alfabética](#)
  - [Lista topográfica](#)
- [Colecções](#)
  - [Lista alfabética](#)
  - [Lista topográfica](#)
- [Depósitos](#)
  - [Lista alfabética](#)
  - [Lista topográfica](#)
- [Manuscritos Avulsos](#)





bioboa 16 de julho de 1963

Manuel Bandeira.

Chegou o seu livro. Obrigada mesmo. Fiquei preocupada. A letra é de quem esteve doente, já está melhor, pois está?

Foi logo a "Estrela da Tarde", gosto do nome. Sabe? Quando se não é só citadino de luz artificial, recorda-se?, nós sabemos a estrela da tarde. Depois a estrela da tarde não é sempre a mesma. Às vezes ela é a que foi estrela da manhã. A que voltará a ser estrela da manhã. Mas na nossa vida há sempre uma luz que nos esclarece com o brilho. Uma pálida presença cuja luz mesmo se reflete não perturba.

Abra a sua "Estrela da Tarde", livro, p. 11 "Alameda Terrestre", p. 15 "Versos para Paquini", p. 22 "Elegia de Londres", p. 45 "Cantadores do Nordeste". As composições longas é para depois. O livro chegou esta tarde. Gosto muito mas muito da "Mozza Terrestre",

III-236

Veja se descausa, Manuel Baudela. Não responde,  
isso tira-lhe tempo.

Tenho, breve, uma surpresa para si.

A minha letra também não está grande coisa. Exa-  
mo e trabalho.

Mando-lhe três ervas da minha terra Macalimba  
(a cabeçintoa amarela); erva (a da flor roxa) e orégão  
(a verde e o verde). Lá porque cheiram assim.

Deus o acompanhe e proteja. Grande  
Manuel Baudela, donde vem que a gente lhe  
gambas afecto como se fosse do mesmo sangue.

É engraçado, o Manuel Baudela é mais velho, pois  
é, mas rieta-o é como um irmão.

Um abraço com o afecto e  
os bons desejos da

Aliete

Se isto chegar, vai-se passar  
que para toda. Não para si: ali  
é o que é a vida. Fecha os  
olhos. Ao pé de um ribeiro, com ulmeiros  
e charnecas brancas. Lá se vai. Depois  
uma colina e o alto agrícola. O verde  
aí é o verde. O verde-lua.



78/10



Anadia, 27 de Agosto de 1952.

MB 65

Exmo Sr. Manuel Bandeira

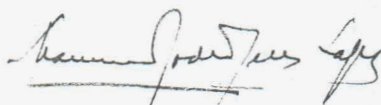
Tenho procurado por amigos saber da morada de V.Ex<sup>ã</sup>, no desejo que tenho, já há tempos, de lhe dar um esclarecimento sobre o seu interessante artigo acerca da autoria das Cartas Chilenas, publicado na "Revista do Brasil", nº 22 (1940), pp. I-25. A seguir a esse sugestivo trabalho mandei à mesma revista um apontamento, confirmando num pormenor de estilo a autoria de Gonzaga. V.Ex<sup>ã</sup> não encontrara nem em Gonzaga nem em Cláudio vestígio da construção de tipo havia fazer (=navia de fazer), frequente nas Cartas. Ora eu, que estava nessa altura editando o Direito Natural, respiguei nada menos de 13 exemplos dessa construção no referido tratado de Gonzaga.

Pergunto: essa minha carta-apontamento, datada de 12/10/1940 ao director da "Revista do Brasil" teria sido publicada? Teria, em todo o caso, chegado ao conhecimento de V.Ex<sup>ã</sup> essa achega, que vinha reforçar tão decisivamente a sua tese?

Convinha-me esclarecer este ponto, não para fixar direitos de prioridade; é que trago ainda em mãos trabalhos sobre Gonzaga e queria um dia pronunciar-me sobre o problema tão debatido das Cartas Chilenas. Já tenho escrito a amigos sobre o assunto, que nada me responderam de concreto. Resolvi pois subir à fonte, em busca da verdade.

Pego-lhe desculpa da negada que lhe dou. É creia-me, com elevado apreço,

de V.Ex<sup>ã</sup> muito atento e obrigado



(Manuel Rodrigues Lapa)

Anadia - Portugal

III - 244

Lisboa, 30/7/1953

IV-405

Meu querido Poeta

Quando abrie esta carta e' fiquo  
o Fernando Venos, que quero apre-  
sentar-lhe, acabou de ter o papel,  
que não tenho, de o começar  
pessoalmente. Depois de V. conversar  
com ele, precisarei de lhe ex-  
plicar como e' esse poeta e  
poeta que estimo profundamente,  
atê por qualidades de bondade  
e franqueza que vão sendo raras  
em Portugal, e que o grande poeta  
da "Frota do Recife" terá apre-  
ciação ainda melhor do que eu?

Ele lhe dará notícias de Por-  
tugal, dos amigos que lá tem e  
entre os quais me contará. E  
dar-lhe-á, por procuração, o grande



abraio que sempre lhe devia o seu  
retrato amig e admirador

Luís de Sousa



Lisboa, 25/7/954

IV 407

Meu querido Poeta e Amigo

"Grande é Dante", não é? Pois há muitas maneiras de ser grande e, eu que lhe peço à modéstia, uma delas a sua. Não preciso demonstrar-lhe porque já tem sido dito muitas vezes, e continua não querendo acreditar: o que é, aliás, e talvez não tenha sido dito, um sintoma de grandiosidade dos líricos puros mas conscientes, que faltou, por exemplo, ao seu bem amado António Nobre. Tudo isto vem a propósito de "Itinerário de Pasárgada" e de "De portas e de poesia", que ambos recebi. No primeiro, muita gente terá achado, e eu achei também, demasiada reserva, demasiado esconder "à contre-cœur". Quando, porém, uma poesia inteira tem assumido os seus "desafios" numa íntima obediência a um re-



Alberto de Serpa (n. 1906) Poeta português. Frequentou a Faculdade de Direito de Coimbra e integrou-se no movimento da Presença. A sua poesia valoriza o quotidiano com um realismo lírico. É autor de «Varanda» (1934), «Vinte Poemas da Morte» (1935), e «Vê Se Vês Terras de Espanha» (1952).

---

IV-413

Loega, a de António Nobre,  
7 Setº 1947

Querido Samuel Bandeira,

Sim, notícias muitas! tantas coisas trágicas e horribéis nos separaram, mas houve aqui sempre o fiel leitor dos seus belos versos, e o grato amigo da sua bela alma. Só as tragédias da nossa grande vida e os infortúnios da minha pequena vida têm feito com que eu pareça aquilo que não sou: esquecido ou ingrato.

Como bandeira de paz, aí lhe vai uma folhinha de provas da 1ª edição do Só — "a portuguesa: a de Paris" — emendada pelo punho do nosso Poeta.

Que a sua vida tenha saúde e paz! E que esteja a chegar aqui algum seu livro novo, com a tua poesia dos últimos tempos! Eu é que estou sequinho! Vivo fechado num convento, ganhando o pão para os filhos. Loega e o seu mar só me dão repouso para o corpo, de que tanto preciso.

Tenho que pedir-lhe dois grandes favores:

1) - O António Salgado Júnior, o primeiro historiador da nossa literatura com sensibilidade e espírito crítico, deseja ardentemente possuir o Auto de Rodrigo e Mengo (de Jorge Pinto) e a Cena Poli-



ciana (de Amrique Lopes) que foram publicados em revista brasileira de que não sabe o nome. Poderá o Manuel Bandeira conseguir exemplares da revista, ou separatas? Seria a felicidade do meu Amigo...

2) - Com o Renato de Mendonça, que está no Porto no Consol, fundamos aqui uma Biblioteca Gonçalves Dias, onde procuramos juntar a literatura boa do Brasil. O governo tem mandado muitos livros, mas os Poetas de hoje são esquecidos. Queriamos-los cá conosco. O Manuel não pode faltar. Manda-nos os seus belos volumes? Desde já, obrigado!

Que quer de cá? Veja se, destas velhas terras, alguma coisa lhe faz falta. É só dizer...

Penso sempre na possibilidade de um dia nos abraçarmos. Como eu nunca irei aí, souho com uma viúva sua até cá... Venha! Veria como lhe queremos bem e o consideramos nosso.

O Régio, que está no Norte, envia-lhe um abraço, e vai mandar-lhe livros novos.

A saudade, um grande abraço,  
do seu amigo e admirador  
muito firme e grato

Alberto de Serpe.